

Alda Lerayer *Comunicando a genética*



Engenheira Agrônoma formada pela gloriosa turma de 1974 da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ/USP), a pesquisadora Alda Lerayer é Diretora Executiva e porta-voz do Conselho de Informações sobre Biotecnologia (CIB), desde 2005.

Ela fez mestrado em Microbiologia Agrícola e doutorado em Genética e Melhoramento de Plantas e Microrganismos pela mesma instituição com o trabalho de tese realizado Laboratoire de Technologie Laitière, INRA (França) e pós-doutorado no Laboratoire de Génétique Microbienne, também no INRA.

A pesquisadora que já fazia parte do grupo de Conselheiros da entidade hoje responde oficialmente pelos posicionamentos do CIB. A missão do órgão é difundir informações técnicas e cientificamente comprovadas sobre essa ciência. E Alda tem o desafio de desmistificar a questão dos transgênicos e todos os aspectos que envolvem sua segurança alimentar e ambiental. Nessa entrevista ela conta um pouco de sua trajetória e dos desafios de seu cargo.

JEA – Como mulher, engenheira agrônoma, e bem sucedida, numa área cuja participação das mulheres ainda é pequena, sentiu-se discriminada em alguma situação?

AL - Acho que não. Na faculdade, se havia alguma discriminação, ela com certeza não era dos próprios alunos ou professores do curso. Muito pelo contrário, eles sempre foram muito receptivos e companheiros das mulheres da turma. Nossa turma, aliás, é até hoje muito unida, nos falamos quase todos os dias por e-mail e nos encontramos uma vez por ano. O que havia, era rivalidade com alunos de outros cursos, mas não era discriminação.

No mercado de trabalho, nunca senti que o fato de ser mulher influenciou mal na admissão para qualquer cargo. No caso do CIB, interessantemente, esse fato ajudou, pois procuravam uma mulher para comunicar os benefícios da biotecnologia. Na área de biotecnologia, as mulheres têm sido preferidas para certos cargos chave, tanto no Brasil quanto em outros países.

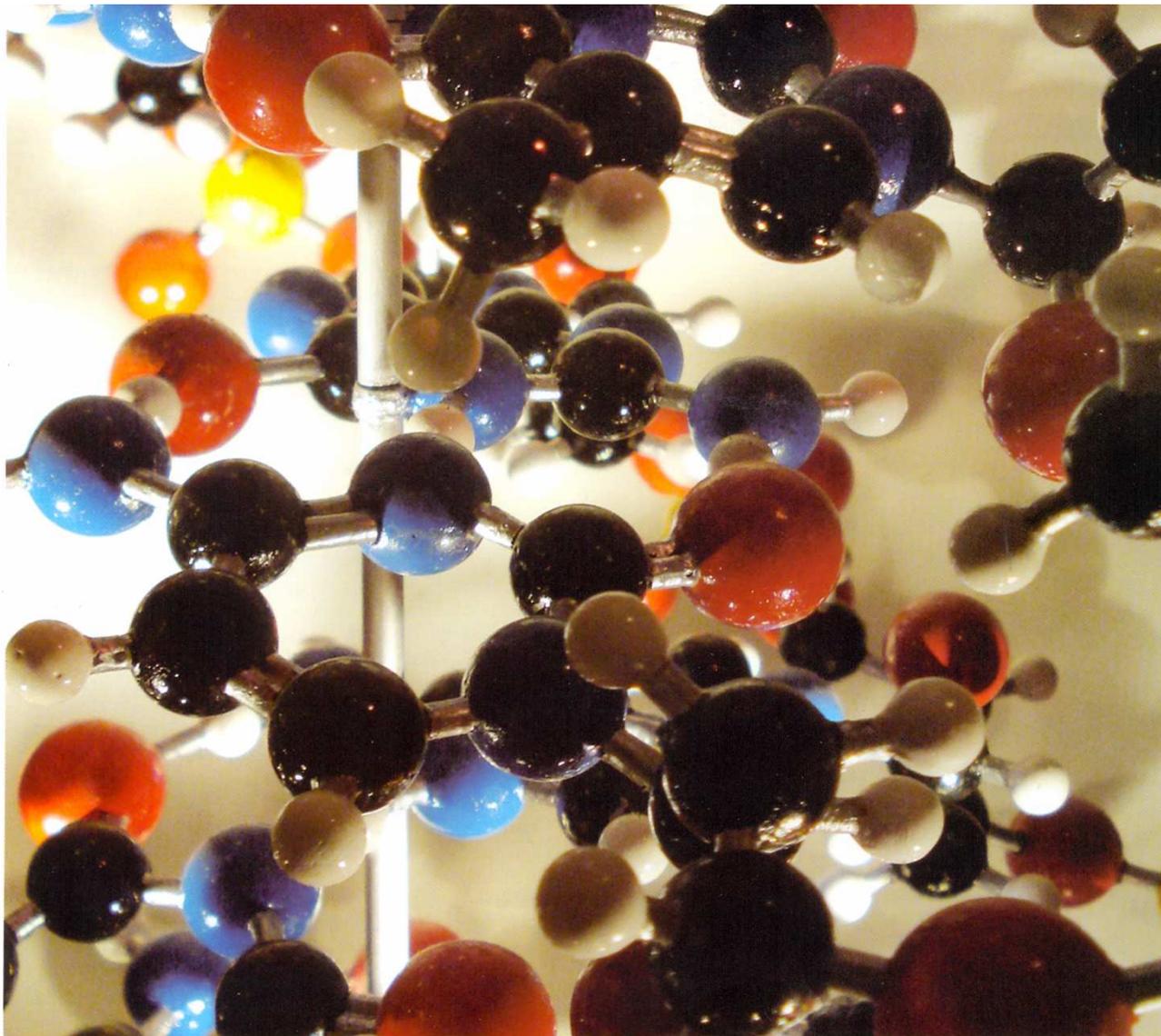
JEA - Por que agronomia e a opção pela genética?

AL - São dois momentos: primeiro, eu me interessei por genética, depois decidi ingressar na agronomia. Comecei a me apaixonar por genética no ensino médio. Eu tinha um excelente professor que, por meio de suas aulas, fez com que eu ficasse entusiasmada com o tema. Naquele momento, decidi que era aquilo o que eu queria estudar.

Escolhi fazer agronomia porque gostava da área de genética e não me identificava muito com os outros cursos nos quais poderia estudar essa disciplina. Entretanto, embora meu pai fosse agrônomo, escolhi o curso com um pouco de resistência. A opção aconteceu em virtude do mercado de trabalho do agrônomo ser amplo. Isso era uma variável importante, já que, vinda de uma família sem posses, não poderia correr o risco de não trabalhar. As oportunidades, na época, iam desde trabalhar em bancos (com carteira de crédito agrícola, por exemplo) até o campo, passando por atividades em laboratórios ou relacionadas à economia rural.

JEA - Qual a maior realização profissional que já obteve e o maior desafio?

AL - É difícil eleger um único momento de realização profissional. Houve vários momentos gratificantes, entre os quais, vou citar dois. Uma parte do meu doutorado foi concluída na França e, durante esse período, recebi um convite para fazer pós-doutorado nos Estados Unidos. Estamos falando de mais de US\$ 1 milhão destinados à minha pesquisa. Quando o representante de um dos laboratórios mais conceituados do mundo, no qual muitos pesquisadores gostariam de trabalhar, fez esse convite, senti que deveria ser boa naquilo que fazia. O outro momento de realização foi quando fui chamada para ser Diretora Executiva e porta-voz do Conselho de Informações sobre Biotecnologia, CIB.



Esse momento também pode ser considerado um grande desafio porque significava fechar o ciclo de 28 anos de trabalho como servidora pública, realizando uma atividade que eu já dominava e, cujos desafios, em sua maioria, já estavam superados. Eu passaria a desempenhar uma nova função, que além das minhas habilidades como cientista, exigiria que eu desenvolvesse competências até então não exploradas, a exemplo de conhecimentos regulatórios, políticos e governamentais; administrar uma instituição; comunicar os benefícios da biotecnologia a vários tipos de audiência, além de lidar com outro método de avaliação de resultados e desempenho. Passar a dirigir uma organização com a credibilidade do CIB significou sair de um ambiente protegido para me expor sendo porta-voz, não somente das minhas pesquisas, mas também dos estudos de outros, da biotecnologia em geral. O CIB também requeria o desenvolvimento de um networking nacional e internacional.

JEA - Como é a rotina à frente do CIB? Quais são as principais demandas e desafios?

AL - A presença de uma porta-voz está alinhada ao objetivo de fortalecer o relacionamento da entidade com os públicos interes-

sados em biotecnologia. Temos a responsabilidade de informar as pessoas sobre o que é a biotecnologia, por meio de ações de comunicação com diversos públicos, a exemplo de magistrados, nutricionistas, jornalistas e consumidores. Fazemos a ponte entre a ciência e a sociedade. Um dos pilares da entidade é o compromisso em prover informações atualizadas e comprovadas sobre a ciência. Sem dúvida, nossa função é intensificar a comunicação e promover a educação de nossos diversos públicos.

JEA - Qual o futuro da engenharia agrônoma?

AL - O Brasil é um grande produtor e exportador de alimentos. O engenheiro agrônomo tem um papel fundamental em toda cadeia produtiva. Eu diria que a agronomia é a profissão do momento porque acredito que o profissional desta área é de extrema importância para nos mantermos na liderança nesse setor, mantendo o baixo custo de produção com o objetivo de sermos competitivos e adotando práticas sustentáveis para preservarmos o meio ambiente e a longevidade humana e animal. Uma vez que essa é uma ciência que se moderniza rapidamente, é importante que o profissional se atualize.